

LITERATURA E SEXUALIDADE NA OBRA O ATENEU: UMA RELEXÃO À LUZ DA PSICANÁLISE

Rosilene Felix Mamedes (PPGL-UFPB)

rosilenefmamedes@gmail.com

Prof Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)

hermanorg@gmail.com

Resumo: Muito se tem discutido sobre as problemáticas que somos acometidos na adolescência, colocando-a como fase de transformações marcadas por ebulições hormonais, conflitos, mudanças biológicas e sociais. Até certo ponto, é contraditório pensarmos que outrora éramos apenas uma criança, sem obrigações e sem tantas responsabilidades, e de repente nos encontramos biologicamente —estranhos!, com formas alheias as que tínhamos, com sensações que até então as desconhecíamos. Como nos colocar diante de novos desejos e de novas estruturas sociais? Como não ser criança e nem adulto, uma vez que somos apenas adolescentes? É em meio a essas inquietudes que alicerçamos a proposta desse trabalho, iremos analisar a obra literária de O Ateneu, do autor Raul Pompéia, à luz da Psicanálise, que tem como protagonista o adolescente Sérgio que neste espaço acaba por vivenciar as intensas pulsões dessa fase de descoberta. Escolhemos o Ateneu como Corpus para nosso estudo, por entendermos, que esta é uma das obras literárias que mais se enquadram para analisarmos as descobertas sexuais e o erotismo em um ambiente de castração que impõe interditos, como é o caso de seminários para adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência. Psicanálise. Literatura. Erotismo. Sexualidade. Pulsões.

INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido sobre as problemáticas que somos acometidos na adolescência, colocando-a como fase de transformações marcadas por ebulições hormonais, conflitos, mudanças biológicas e sociais. Até certo ponto, é contraditório pensarmos que outrora éramos apenas uma criança, sem obrigações e sem tantas responsabilidades, e de repente nos encontramos biologicamente “estranhos”, com formas alheias as que tínhamos, com sensações que até então as desconhecíamos. Como nos colocar diante de novos desejos e de novas estruturas sociais?

Como não ser criança e nem adulto, uma vez que somos apenas adolescentes? É em meio a essas inquietudes que alicerçamos a proposta desse trabalho, para isso faremos um percurso sócio-histórico de como a adolescência se configura ao longo da nossa história evolutiva, e a partir disso, buscaremos entender como se efetiva o conflito do desejo e escolha

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

da sexualidade na fase da adolescência. Embora estejamos em fase embrionária da nossa pesquisa, este trabalho é um recorte da pesquisa do doutorado e terá como respaldo teórico a Psicanálise, buscando compreender o mundo do adolescente a partir das pulsões e do desejo, conceitos estes explorados pela Psicanálise, sobretudo pelas teorias freudianas.

Como objetivo geral iremos identificar o que são pulsões para Freud e como a sexualidade se processa na adolescência. Como este artigo é um recorte da pesquisa de doutoramento, usaremos como corpus a obra literária *O Ateneu* de Raul Pompéia, investigando como as pulsões e o desejo são representados nesta obra que se passa em um seminário. Como relevância para a nossa pesquisa, atribuímos como contribuição a possibilidade de ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender esta fase conflituosa, a partir do sujeito-adolescente e como o seu (in) consciente plasma na escrita de três dos seus diários pessoais, período 1994 -1997, reconhecendo em suas linhas as inquietudes, a descoberta do desejo e as pulsões vivenciadas por uma adolescente que, neste recorte, se insere na faixa etária entre 12 e 14 anos de idade.

É em meio a este contexto de turbilhões hormonais em sentir a necessidade de se fazer parte como pertencimento de grupos, que para ser incluído em uma nova fase- a adolescência, é necessário romper bruscamente com a infância. Neste sentido, o adolescente como sujeito psicanalítico se insere em um contexto social recheado de situações adversas, marcado pela sua própria essência humana que rompe com um mundo infantil e passa abruptamente por mudanças físicas, sexuais e psíquicas. É nesse momento, que o adolescente, muitas vezes, contra a sua própria vontade, rompe com o estado de dependência da infância passa a assumir posturas ditadas socialmente que o obrigam a ter padrões físicos e sociais que, quase sempre, vão de encontro a sua psique ou biótipo.

Na busca desse protótipo do ser ideal, esse sujeito tão antagônico busca se inserir em grupos sociais seja por universos estigmatizados de padrões de belezas, referências musicais, ou até mesmo pressão familiar para a escolha da carreira acadêmica que deverá seguir após o ensino médio. Como se enquadrar ou se reconhecer nesse novo universo? De que forma este adolescente pode encontrar o seu eu ou até mesmo se reconhecer como sujeito social, sim, mas também individual, mas, sobretudo, dono dos seus desejos e de suas escolhas sexuais?

Partindo desses pressupostos elegemos como **Objetivo Geral: Analisar na obra literária O Ateneu** a continuidade e a descontinuidade do comportamento do Eu- adolescente a partir de conceitos psicanalíticos, sobretudo, pela óptica da sexualidade e do erotismo. Como **Objetivos Específicos:** Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as descobertas da sexualidade dos adolescentes

protagonista da obra analisada; Compreender como os adolescentes se constituem como sujeito psicanalítico; Discutir à luz da psicanálise conceitos psicanalíticos que emanam de situações que envolvem o erotismo; Compreender os adolescentes como sujeitos repletos de vontades e desejos (conceitos psicanalíticos).

Como aporte teórico para a fundamentação desse trabalho usaremos teóricos da teoria da Literatura e da Psicanálise, tais como: BELLEMINNOEL (1978); COMPAGNON, Antoine (2001); ROUDINESCO, Elisabeth, (1944), além de Freud e Lacan, ambos referências na Psicanálise. No que se refere à **metodologia** este trabalho terá fins qualitativos, e descritivos uma vez que teremos como finalidade analisar uma obra literária para entendermos como universo da adolescência é descoberto e vivenciado em um internato do século XIX.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ser adolescente, hoje, significa possuir determinado estereótipo ditado socialmente, seja por valores ou por comportamentos de determinados grupos sociais, nos quais as escolhas individuais serão reflexos das castrações e interditos que são refratados na identidade dos sujeitos. Tais conceitos psicanalíticos serão tratados em um subtópico que será destinado a debater como a psicanálise colabora com o entendimento da sexualidade no adolescente. Sabemos que há na atualidade um engessamento moldado por rótulos sociais que direcionam os sujeitos a fazerem as suas escolhas, gerando assim conflitos psicossociais de cunho psicanalíticos que propiciam a identidade do sujeito. Assim, essas situações acabam refletindo no comportamento da sociedade como um todo, e, principalmente, nos adolescentes devido à própria situação psicossocial delimitar estes sujeitos como mais propensos, já que se encontra em uma fase de vulnerabilidade psicossocial.

A partir disso, como dizer que o adolescente é dono de suas vontades e desejos? Como não concordar que o inconsciente está imerso inconscientemente aos ditames dessas vontades? Como o adolescente se reconhecer de forma singular pode meio de um mundo tão plural?

Como afirma Adorno (1955, p.181):

(...) em uma sociedade irracional o eu não pode cumprir adequadamente a função que lhe foi designada por essa mesma sociedade. Necessariamente recaem sobre o eu tarefas psíquicas que não podem se unir com a concepção psicanalítica de eu. Para poder se afirmar na sociedade, o eu tem que

reconhecer e desempenhar conscientemente suas funções. Para que o indivíduo leve a cabo suas renúncias tão insensatas que lhe são impostas, entretanto, o eu tem que estabelecer proibições inconscientes e, mais ainda, manter-se ele mesmo na inconsciência. (...) Na medida em que tem que representar tanto as necessidades libidinosas como as de autoconservação real, impossíveis de se unir com elas, está submetido iniludivelmente a uma exigência excessiva.

É em meio a todas essas inquietações e pulsões que os adolescentes estão imersos que encontramos os maiores dilemas e desafios tanto para as escolas, como para as famílias, tendo em vista que a cada tempo que passa as relações entre filhos/pais e escola / família se complexificam e ao mesmo tempo, se tornam mais urgentes de serem discutidas em debates sociais. Temos na verdade, um adolescente que enfrenta além de antagonismos psicossociais, da sua própria genética, um ser que é obrigado a lidar com situações adversas às suas vontades e controle, sendo muitas vezes reprimido com imposição de padrões de cunhos sexuais, culturais ou até mesmo em suas ideologias religiosas. Ser adolescente não é uma tarefa das mais fáceis, pois além de lidar com os demônios interiores é preciso lidar com a obrigatoriedade de (re) significar as suas escolhas e colocar muitas vezes em cheque os seus desejos por meio das imposições e ditames sociais.

Assim,

(...) se impulsos cheios de desejo forem reprimidos, sua libido se transformará em ansiedade. E isto nos faz lembrar que há algo de desconhecido e inconsciente em conexão com a sensação de culpa, a saber, as razões para o ato de repúdio. O caráter de ansiedade que é inerente à sensação de culpa corresponde ao fator desconhecido (FREUD [1913-1914], p.47/48).

Nessa citação de Freud imprime muito sobre o ser-adolescente, uma vez que por essência, essa fase é constituída de inquietações, oscilações e impulsos. Como não compreender essas vontades e desejos a partir das relações dos signos/significantes (conceitos de Bakhtin e Lacan), uma vez que o eu-adolescente reflete em seu comportamento suas histórias e vivências? Além da dialética social coloca o adolescente, como ser oriundo do meio, mas que devido às suas condições psicossociais acaba agindo a partir de suas inquietações e, principalmente dos impulsos. Assim, segundo Blos (1998, p. 102)

Tanto o menino como a menina como a menina voltam-se agora, com maior vigor, para o objeto extrafamiliar libidinoso, isto é, o processo genuíno de separação dos laços objetais maduras. O caráter marcante da adolescência inicial está na decaexia dos objetos amorosos e incestuosos; assim, a libido objetual que está solta, livre, clama por novas acomodações. (83) 3322.3222

Embora a nomenclatura catexia tenha sido utilizada por Freud em 1913, já havia referência em suas obras sob a nomenclatura de “suprimido de energia”, “carregado de uma soma de excitação”¹. Assim, neste momento suprimisse no adolescente os desejos amorosos e incestuosos, passando, assim, a acomodar essas vontades em outros desejos. Dessa forma, como tudo que é novo é perturbador, esses desejos chegam aos adolescentes como pulsões. Em outras palavras, o superego “entidade controladora cujas funções são inibir e regular a auto-estima, diminui de eficiência, deixando o ego sem orientações simples e permanentes da consciência.” (BLOS, 1998, p. 102).

Como a supremacia do ego sobre o superego, a autoridade deste sobre aquele torna-se inferiorizada, conseqüentemente, afeta “seus esforços próprios para mediar as pulsões” (*Idem*). Com o afastamentos dos pais, os conflitos edipianos e a “decatexia abrange também suas representações objetais e seus equivalentes morais internalizados, que residem no superego.” (*Idem*)

Para Bloss (1998, p. 103),

Nessa idade, os valores, padrões e leis morais adquirem apreciável independência com relação à autoridade dos pais, tornaram-se egossintônicos e operam em parte dentro do ego. Não obstante, na adolescência inicial o autocontrole ameaça entrar em colapso e, em casos extremos ocorre a delinquência.

Dito de outra maneira, o ser-adolescente é banhado por situações de continuidade e descontinuidade que marcam esta fase de transformações em diferentes estágios humanos. É nesse momento, que o comportamento e as pulsões afloram com mais efemeridade e, paradoxalmente, com mais força. As relações com a família recaem para um segundo patamar na escala de prioridade, pois já houve ou estar havendo as rupturas edipianas. Cabe salientar que segundo Blos (1998, p. 103) “algumas crianças não sentem nenhum conflito em relação aos pais; reprimiram a pulsão sexual, ou essa pulsão é baixa, e, portanto, o ego tem a capacidade de dominá-la.”

Assim, reagimos e agimos por pulsões, e de forma contínua exploramos novos desejos e reconhecimentos por meio da satisfação, para Freud:

¹ O conceito de decatexia faz menção ao conceito freudiano em que a catexia é a concentração de energia psíquica de um dado objeto.

O caráter sexual das pulsões parciais, cuja soma constitui a base da sexualidade infantil, define-se, num primeiro momento, por um processo de apoio* em outras atividades somáticas, ligadas a determinadas zonas do corpo, as quais, dessa maneira, adquirem o estatuto de zonas erógenas. Assim, a satisfação da necessidade de nutrição, obtida através do sugar, é uma fonte de prazer, e os lábios se transformam numa zona erógena, origem de uma pulsão parcial. (ROUDINESCO, 1944, p 629)

Embora sejam evidentes as novas descobertas e a fase de intensos conflitos, para o adolescente o novo é assustador, pois além dele lidar com as suas pulsões, entendido, aqui como impulsos, situações internas do seu ser, é preciso conviver com a gama de imposições sociais que vão desde à sua sexualidade até o consumismo, o que é dito como moral e amoral. Portanto, como não pensar este adolescente a partir das suas escolhas? Dos seus vínculos de afetos? Da sua maneira de se comportar na sociedade?

A partir disso iremos discutir esses conceitos psicanalíticos serão discutidos a luz do Ateneu, obra literária que mostra a realidade de um seminário, onde meninos descobrem sua sexualidade e as “impurezas morais” praticadas neste ambiente que servem como pano de fundo para descortinar as orgias e a imoralidade que eram vivenciadas nos regimes dos seminários religioso.

O PENSAR ADOLESCENTE SOB A ÓPTICA DO ATENEU DE RAUL POMPEIA- A INCLUSÃO DA ADOLESCÊNCIA NA SEXUALIDADE- RITOS E EROTISMO

O Ateneu se insere em uma construção de crítica social a sociedade de 1888, trazendo linguagem rebuscada típica do realismo, procurando buscar por meio do personagem principal- um adolescente e sua rotina vivenciada em um seminário. Além disso, a obra tem como protagonista o menino Sérgio que vai para um internato para atender a autoridade do seu pai, e ao chegar lá se depara com o diretor Dr. Aristarco, que representa uma crítica aos valores capitalistas da época. Sérgio ao longo dos primeiros dois anos no internato registra todas suas descobertas e vivência em um diário, assim, seremos guiados em nossas análises, pelos seus escritos e pelo olhar desse adolescente em transformação que como tal possui um Eu em conflitos hormonais e sociais.

O primeiro contato de Sérgio com o Ateneu é realizado em um dia de festa, em um visita antes de ser matriculado, e, por este motivo festivo, fez com que atraísse o desse do menino em fazer parte daquele espaço. A ruptura de Sérgio com a infância é estimulada por Dona Ema, esposa do Sr Aristarco - diretor do Ateneu, segundo ela, o corte do cabelo iria

introduzi-lo na vida adulta, que ele estava prestes a adentrar. Dona Ema passa a ser uma das raras mulheres que ele passa a ter contato no seminário, aflorando, muitas vezes seus desejos sexuais em relação à heterossexualidade. Já O Ateneu representa uma metáfora para descortinar a sociedade da época, com valores contraditórios tais como: Egoísmo, injustiça, ambição e hipocrisia são alguns dos valores a que Sérgio estará exposto nesse período. Como representado pela fala "*Vais encontrar o mundo [...]. Coragem para a luta*". (O ATENEU). E ainda: "*cada rosto amável daquela infância era máscara de uma falsidade, o prospecto de uma traição*".

Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia, O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio - palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicança, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foíce; (...) o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso..."

Percebemos em tais citações que o autor demonstra por meio da palavra, e da sua escrita, uma forma de se retratar ou de se entender diante do seu passado, uma vez que tal obra é tida como um romance de memórias.

Sérgio é apresentado ao Ateneu pelos olhos de Rebelo, um dos seus colegas, com a seguinte narrativa, mostrando como se comportavam os meninos:

"Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo".

E ainda:

"Esse que passou por nós, olhando muito, é o Candido, com aqueles modos de mulher, aquele arzinho de quem saiu da cama, com preguiça nos olhos... Este sujeito... Há de ser seu conhecido"
(REBELO, colega de Sérgio)

Para finalizar, Rebelo aconselha: "Olhe; um conselho; faça-se forte aqui, faça-se homem. Os fracos perdem-se" (Idem, p. 14). Candido ganha destaque

Aos poucos Sérgio vai fazendo parte daquele internato e os leitores do Ateneu vai percebendo por meio das suas narrativas como os meninos eram pedagogicamente apresentados à sexualidade e as descobertas impostas e arbitrarias do século XIX.

Senhor Aristarco, tido na obra como um déspota, ao descobri a relação homossexual entre dois meninos os ridicularizando-os, diante de todos os demais, como forma não só de expor, mas sobre tudo de dar o exemplo aos demais, como a seguinte exposição:

“Tenho a alma triste senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência... Ah! Mas nada me escapa... tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!” (Idem, p. 65, grifo nosso).

O caminhar de Sérgio como ser adolescente e sexuado vai se descobrindo e se reconhecendo diante de várias experiências, e uma delas é sua relação com o menino Egbert, pois nesta relação não havia uma inferioridade entre os pares, já que eles não havia “relação de protegido e protetor”, conforme expresso na obra: “As ideias da igualdade e da reciprocidade definem a relação entre os amigos” (POPEIA, O Ateneu, p. 70).

Como ser psicanalítico, Sérgio e seus pares descobrem a sexualidade por meio das pulsões e interditos que os fazem ser sujeitos ora assujeitados em um sociedade desigual e opressora, e ora sujeito dono do seu dizer e vontades, como representado pelos pares que são colocados como iguais o Sérgio e o Egbert.

Além do caráter da sexualidade está mais aflorada, essas pulsões também são direcionadas para o Outro, idealizado, quase sempre para o/ a menino (a) na figura de um (a) amigo (a), com “significações e importância até então desconhecida”. É importante salientar que as escolhas objetal para esta fase, tem como exemplo, o parâmetro narcisista. A figura do amigo é idealizada, de forma que o adolescente passa a desejar certas qualidades identificadas no amigo, e que ele não possui. Para ele, a qualidade desejada pelo seu eu-adolescente passa a ser de sua propriedade, já que é do seu amigo.

Na adolescência propriamente dita essa busca da de relações objetais assume novos aspectos, diferentes dos que predominaram nas fases da pré-adolescência e adolescência inicial. O encontro de objeto heterossexual, possibilitado pelo abandono das posições narcísica e bissexual, caracteriza o desenvolvimento psicológico da adolescência propriamente dita. Mais precisamente, devemos falar de uma afirmação gradual da pulsão sexual adequada, que entra em ascendência e faz com que a ansiedade conflitual cada vez mais pressione o ego. (BLOS, 1998, p. 118)

Neste sentido, percebemos a clara continuidade do comportamento do adolescente e, como ele vai se adaptando às novas situações e sensações. “Para Freud, a pulsão sexual, diferente do instinto sexual, não se reduz às simples atividades sexuais que costumam ser

repertoriadas com seus objetivos e seus objetos, mas é um impulso do qual a libido constitui a energia”. (ROUDINESCO, 1944, p. 629)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de revisitar a obra de Raul Pompei nasceu do fruto de se refletir a literatura como forma de trazer debates sobre gênero, tão atual, e ao mesmo tempo tão histórico, uma vez que O Ateneu é fruto de uma revisitação do próprio autor às suas memórias afetivas recheado por interditos e dramas. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo pensar conceitos psicanalíticos em meio a uma obra consagrada dos clássicos literários, como forma de incluir estes alunos interditados, por valores aristocráticos que vem oprimindo, e silenciando tantos adolescentes, por meio de práticas preconceituosas com bullying que estão saindo cada vez mais da prática da violência psicológica para físicas e até chegando o extremo, colocando o Brasil no topo de homicídios por causas de assassinatos com homossexuais.

Como exemplo trazemos neste trabalho o Raul Pompeia vítima de sua própria obsessão por recupera a sua relação objetal, em que passou a ser vítima de intensas críticas, dentre delas com O Ateneu, sendo apontado por um romance de memórias. Ao querer se livrar dos seus dramas de adolescentes, ele se mata, em pleno Natal, deixando uma mandou ao jornal “A Notícia”, Rio de Janeiro, uma nota dizendo: “Declaro que sou um homem de honra”.

Neste sentido, este trabalho propõe trazer a literatura como forma de inclusão para o espaço educacionais como forma de refletir valores humanos, uma vez que somos diferentes, mas iguais como raça humana, independente de escolhas ou patologias.

REFERÊNCIA

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BEARZOTI, PAULO. In: **SEXUALIDADE UM CONCEITO PSICANALÍTICO FREUDIANO**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anp/v52n1/24>. Acessado em: 16/09/2016.

BELLEMIN-NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. **O ego na adolescência**. In: **Adolescência: uma interpretação psicanalítica**/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria – Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CORDEIRO, Ewerton Fernandes. **O inconsciente em Freud**. In: **Portal da Psicologia**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>

CROCHIK, J. L. (1998). **Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia**.

In: **Psicologia USP**, 9(2), p.69-86.

EAGLETON, Terry. **Introdução: O que é Literatura?** In: **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009, Calligaris (2000, p.58),

FREUD, S. (1940 [1938]) **Esboço de psicanálise**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1937) Construções em análise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1936) Um distúrbio de memória na acrópole. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. (1946 / 1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

POMPEIA, Raul. (1982), Obras, vol. 5: Escritos políticos, organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/Oficina Literária Afrânio Coutinho.